



"Templo" na Amazônia do Lago Norte. O passeio é realizado por Fred Ribeiro (@lagonortesupclube)



Trilha da Lagoinha, passeio feito por Fernanda Rachid (@euremosorrindo)

Carlos Vieira CB/DA Press.



Quem vive da água

Na Vila Telebrasil, **Hélio Sérgio Pereira da Silva**, 53 anos, acompanha as transformações do Paranoá há décadas. Ele nasceu na vila, na década de 1970, onde a mãe já morava, e foi às margens do lago que aprendeu a remar e a pescar. Aos 8 anos, já entrava em uma canoa.

Hoje, são cerca de 45 anos de relação direta com o reservatório. Hélio passa, aproximadamente, seis horas por dia pescando, principalmente tilápia e traíra. Parte dos peixes é vendida para clientes fixos, alguns por indicação, que ligam para encomendar. Ele pesca, limpa e entrega. A Lagoinha, a mesma que encanta quem a visita de canoa, é o lugar onde mais gosta de pescar. "Para mim, representa a minha história, pois de lá tiro meu sustento, foi onde sempre vivi, onde aprendi minha profissão e tenho muita coisa boa para lembrar", conta.

Ao longo desse período, ele acompanhou mudanças na qualidade da água, na paisagem e na profundidade do lago. Para Hélio, o tratamento da água melhorou, e a qualidade dos peixes também. Por outro lado, o assoreamento tornou o lago mais raso em determinados pontos.

A relação com o Paranoá também ensinou a Hélio que existe uma diferença entre conhecer a orla e conhecer o lago. Há lugares que não podem ser alcançados facilmente a partir das margens e que acabam conhecidos principalmente por pescadores e canoeiros. "Lugares que não são acessíveis pela orla, que somente as canoas chegam e quem conhece realmente", explica.

Essa outra cartografia do lago também aparece nas trilhas de Fernanda. Para ela, além da biodiversidade, uma das histórias menos conhecidas é justamente a das comunidades ribeirinhas que viveram e ainda vivem em relação direta com o reservatório.

São pessoas que utilizaram o lago como espaço de trabalho, deslocamento e subsistência. A história não está apenas nos monumentos e nas grandes obras que aparecem nas fotografias de Brasília. Também está nas canoas, nos pescadores e nos caminhos percorridos durante décadas por quem aprendeu a reconhecer o lago pela água.

A proposta leva os participantes para áreas que dificilmente seriam conhecidas apenas pela orla. Os percursos passam por regiões abastecidas pelos córregos do Guará e do Riacho Fundo e revelam ambientes diferentes entre si, mesmo quando estão geograficamente próximos.

A Trilha da Lagoinha é um dos exemplos mais marcantes. O caminho acompanha áreas de vegetação mais fechada até chegar a um trecho conhecido pelos pescadores pelo nome de Lagoinha, que Fernanda descreve como uma espécie de Pantanal do Cerrado, principalmente pela paisagem e pela presença de aves de maior porte. As árvores se fecham sobre a água em determinados pontos e criam uma sensação de isolamento que contrasta com a proximidade da cidade. É um dos momentos em que fica mais evidente a capacidade do lago de esconder paisagens dentro da própria Brasília.

A diferença fica ainda mais clara quando se compara a Lagoinha com a trilha do Tapicuru. Embora os dois percursos estejam relacionados aos mesmos sistemas de abastecimento do Lago Paranoá, a paisagem muda. Fernanda compara o segundo ambiente a um igarapé amazônico, enquanto a Lagoinha apresenta características mais próximas de uma paisagem pantaneira. "A paisagem é completamente diferente, apesar de as duas correrem praticamente lado a lado", afirma.

A própria navegação revela uma mudança provocada pelo tempo. Fernanda conta que, quando começou a fazer a trilha, há cerca de cinco anos, era possível avançar aproximadamente 10 quilômetros pelo percurso. Hoje, o trajeto precisa ser interrompido antes por causa do assoreamento. A alteração também pode ser percebida por quem vive do lago.

Fernanda também observa mudanças na vegetação aquática. Em alguns pontos, o crescimento de plantas e algas passou a fazer parte da paisagem e interfere na experiência de quem navega. A percepção de quem está diariamente na água ajuda a mostrar como o ambiente responde rapidamente às alterações de chuva, correnteza, sedimentos e qualidade da água.

ambiental e ecologia humana Fernanda Rachid conhece parte dessas áreas justamente pela água. Há cinco anos, ela realiza o Circuito Trilhas Pelas Águas do Lago Paranoá, projeto que utiliza canoas havaianas e caiaques para explorar regiões menos conhecidas do reservatório e trabalhar a educação socioambiental. "Esse nosso passeio é muito mais do que uma remada, mas é uma experiência em educação socioambiental", explica.